
Memória, narrativa e interdisciplinaridade: a anonimidade como fator de origem nas narrativas migratórias de estrangeiros na cidade de Curitiba

Rafael Tassi

Doutor em Antropologia - Universidade Complutense de Madrid

Docente do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas - Universidade Tuiuti do Paraná

Resumo

Este trabalho trata das aproximações sobre a narrativa migratória e o sentido da construção dos laços do ponto de vista de dois estrangeiros pertencentes a sociedades bastante distantes dos ciclos tradicionais das migrações a cidade de Curitiba. Duas diferentes histórias de vida em situação de codependência em um mesmo e estabelecido espaço de hospedagem, que convergem em uma sociabilidade de envolvimento que faz emergir do tempo narrativo submetido ao lugar de recepção. Suas nacionalidades distanciadas com a brasileira e a compreensão parcial da ambivalência com que foram 'lançados' na urbanidade a qual não pertenciam, produzem uma imagem de distanciamento referencial que serve como ponto de apoio para que os imigrantes perguntem sobre a dinâmica existencial de suas vidas. O trabalho é, portanto, uma tentativa, portanto, de observar como a introspecção narrativa promove a singularização do espaço, possibilitando estados de significação representacional que produzem uma duplicação complexa da dinâmica mais consciente do pertencimento e da singularidade referencial com que as vozes individuais são envolvidas. Dois estrangeiros (uma tunisiana e um angolano) que desenvolvem a questão da identidade narrativa no local de combate a anonimidade em que se veem lançados.

Palavras-chave: narrativas imigrantes, cidade e pertencimento, migração e memória.

Abstract

This work deals with approximations on the migratory narrative construction and meaning of links from the viewpoint of two foreigners belonging to very distant cities from the traditional cycles of migration to the city of Curitiba. Two different stories of life in a situation of codependency and established with the same hosting space, which converge in a sociability of involvement that brings out a long narrative that is submitted to the place of receipt. Their nationalities apart with the Brazilian and partial understanding of the ambivalence with which they were 'released' in the urbanity which did not belong, they produce an image of referential distance that serves as a support to ask immigrants about the existential dynamics of their lives. Therefore, the work is an attempt to observe how the introspection narrative promotes a singularity of the space, reverberating meaning representational states that produce a duplicate of the complex dynamic that is more conscious of belonging and singularity of reference with which individual voices are involved. Two foreigners (a Tunisian and an Angolan) who solve the issue of narrative identity in place to the anonymity in which they are placed.

Keywords: immigrant narratives, city and belonging, migration and memory.

Problematizando as migrações a partir do relato biográfico estrangeiro na atualidade (Rocco e Selgas, 2005), este trabalho é uma tentativa de aproximação dos olhares sobre o enraizamento e a constituição dos laços entre pessoa, sociedade e lugar, do ponto de vista de dois estrangeiros pertencentes à sociedades bastante longínquas dos ciclos tradicionais das imigrações à cidade de Curitiba. Pensar a questão do pertencimento a partir de demandas simbólicas bem diferentes sob a ótica do investimento narrativo singularizado e contraditório, é o ponto de partida para a análise de duas diferentes histórias de vida em situação de codependência com um mesmo e estabelecido espaço, que é visto sob três racionalidades portadoras de um distanciamento histórico entre pessoa, demanda, lugar e urgência narrativa.

Os dois imigrantes convergem na questão do lugar como sentido etnográfico (Clifford, 2001) de posicionamento referencial que faz emergir um tempo narrativo que está submetido a portabilidade da paisagem (Schama, 1996) como situação privilegiada

para o enfoque observativo. A narrativa escorre para a memória que se projeta em uma tentativa de equilíbrio entre situação pessoal e lugar, posição em que as duas diferentes subjetividades assinalam seus itinerários observativos e relacionais com a cidade da qual, desde o ponto de vista pessoal, familiar, histórico e situacional, *a priori* poucos pontos de concordâncias poderiam encontrar. Suas nacionalidades distanciadas com a brasileira e a compreensão parcial da ambivalência com que foram 'lançados' na urbanidade a qual não pertenciam, produzem uma imagem de distanciamento referencial que serve como ponto de apoio para os dois imigrantes perguntarem sobre a dinâmica existencial de suas vidas.

As duas narrativas são, portanto, espécies de materiais de significação representacional que, homogeneizadas a partir da examinação do contraste com uma mesma localidade de acolhimento, produzem uma duplicação complexa da dinâmica mais consciente do pertencimento e da singularidade referencial com que as vozes individuais são envolvidas. A roupagem da localidade, ou a transubstanciação do território, propulsionam uma plenitude no tempo que é uma contraposição da figura referencial que as identidades normalmente se anclavam. Nessa perspectiva, a análise do material discursivo dos dois imigrantes em uma cidade de hospedagem que suas sociedades

historicamente tem poucos laços, faz emergir uma série de perguntas relacionadas a produção do discurso narrativo que suas descrições vão envolver. A saber:

- (a) Quais poderiam ser os efeitos narrativos esperados nas construções dessas marginalidades internacionalmente transpostas para a observação da cidade de acolhimento?
- (b) Que situações de origem são acionadas como elementos de referência narrativa na sobreposição de entendimentos ambientalmente divergentes?
- (c) Quais são algumas das metáforas extendidas que as fronteiras de significação, no limiar da descoberta da posição especial e minoritária do pertencimento podem surpreender como material conjugado de distanciamento?
- (d) Como são feitas as consciências situacionais, os elementos psicológicos da percepção da foraneidade e do assumir ou não da nacionalidade de origem?

Nesse sentido, a proposta é pensar como a seletividade referencial do efeito do estranhamento, tão forâneo quanto possível em um mesmo lugar, consegue fazer abstrair as narrativas de vida em uma composição interdisciplinar que as próprias ideologias de significação emocionais dispõem. Ao mesmo tempo, pensar como o manejo de trajetórias de vida que se voltam para sua fonte referencial abrem a narrativa

em um posicionamento consistente de se crer em si na situação primeira do deslocamento.

A emergência de uma dupla figura posicional (Bhabha, 2002) na percepção do contraste da fronteira, aciona a figura da transposição da estabilidade biográfica como mais imersa nas relações divisórias entre a paisagem que se incide e as estendidas individualizações da própria escuta que a metáfora do pertencimento original consegue holisticamente carregar. Nesse caso, a experiência da migração em um local tão distante quanto historicamente não pertencente, a partir das bases referencias das próprias histórias (pessoais e nacionais), faz com que os dois originalmente ‘distantes’ imigrantes e suas relações discursivas com as posições de partida se entrelacem dentro de uma perspectiva de interdependência da repetição da própria escuta, o duplo estado da individualidade que se entrelaça com a situação do estranhamento.

O ponto de referência é a interpretação do lugar imediato de acolhida, que faz emergir uma singularidade potencial das narrativas de vida como mecanismos de significação da plenitude temporária em trajetórias que são vistas como mais voltadas para as próprias margens de onde partiram. ‘Golpeando’ o passado, a questão principal a ser aqui observada não é o ponto de escuta da exterioridade que os contrastes migratórios disponibilizam, mas como os pontos

de negociação da insígnia da pertença hospedam, em si mesmo, uma necessidade de voltar-se para as próprias ‘raízes’ e descobrir os territórios de expulsão ou os materiais de ocultamento que o excesso de familiaridade preenchem antes como diametralmente opostos a percepção da subjetividade.

Nesse sentido, a experiência da migração na cidade estranha (Clifford e Marcus, 1986) é uma experiência do nascimento do olhar como refúgio da interioridade menos anônima, menos característica da indefinição entre centro e possibilidade, contemplação e comunicação, experiência e narrativa que são potencializados como unidades da divisão cultural, através de processos identitário e modelos de representação e lugar.

A anonimidade receptiva no local de hospedagem, sentida pelos nossos dois imigrantes, remete a uma linguagem comum que unifica a vontade emergente de restabelecer-se na condição de reconhecimento da trajetória de origem dentro de uma percepção que é, sozinha, a parte dedicada a interpretação da história de vida em concordância com o período em que se está vivendo. Nesse aspecto, as duas narrativas imigrantes são construções episódicas que se deparam com modelos significativos na intensificação da própria história, moldada pela lógica da descontinuidade entre a experiência do estranhamento e a contingência da

memória que se ressalta nas malhas da internalidade do processo vivido.

Como interpreta Derrida (2001), a noção de suplementaridade posicional, a carência prévia e nutritiva da paisagem cultural, apresenta para o próprio Eu um ponto de mediação que, predicativamente não dialético, ‘refaz’ a memória como devir do alcance de exploração da própria identidade. Os imigrantes ‘ensaíam’ sobre seus próprios paradigmas históricos ao pretender crivar a experiência da migração e do estranhamento como a lógica articulativa que aciona a enumeração de um passado biográfico.

Nas contingências da estrutura do pertencimento, sob a descoberta das exigências diferenciais das linguagens, os imigrantes coadunam com a prática da oposição e do contraste para emparelhar os predicados de uma narrativa particular, estabelecida como material de referência e fidedignação do modelo de posicionamento identitário¹.

A durabilidade referencial desta organização identitária, ‘implica’ o sujeito na rearticulação discursiva (Hall, 2005) que é a parte essencial para a exploração de um eixo narrativo que, nesse caso, consigna o sujeito deslocado a questão da incomensurabilidade da memória pessoal. O processo de sutura das

vozes imigrantes, no modelo narrativo com que cada imigrante encontra para tecer seus paradigmas e reproduzir uma estrutura de escuta própria, é sentido em uma “racionalidade mínima” (Taylor, 1985) que rearticula a dimensão da experiência do distanciamento como apêndice para se pensar a compatibilidade da história pessoal com a renomeação da interdependência da memória e a biografia.

Os espaços de transição abertos pela experiência imigrante, nos dois casos observados, abrem uma meia história que se move como subterfúgio da incisão dentro de uma exploração identitária. O ‘nascimento’ da temporalidade imigrante pela experiência prática do desenraizamento, produz uma necessidade consubstancial de arbitrar por uma mesma história que identifique o regime de representação da sensibilidade cultural baseada na incomensurabilidade narrativa biográfica. Nesse sentido, a imigração e o choque cultural em um território estrangeiro, faz com que a necessidade emergencial da identidade, nos dois casos que observamos, designem um processo que chamamos de renomeação da anonimidade sensitiva original.

Tornando-a mais compatível com a perspectiva do antagonismo entre sujeito e lugar de recepção, a criação dessa sensibilidade circundante, como valor de

¹ Esta é nossa tese principal: que a migração ‘funda’ o sujeito desejante do longo discurso sobre a própria experiência de reencontro com uma singularidade expectativa. Na ordem derridiana da suplementaridade posicional (Derrida, 2001), o sujeito é estimulado a incidir sobre a própria história entrelaçando-a na representação do lugar de partida, de onde pode mais facilmente promover a enunciação do trânsito da memória.

contraponto que a experiência migratória força a fazer, condiciona os dois imigrantes para uma produção de uma política de alteridade que esteja profundamente percebida na própria narrativa de vida. O ‘espelho de si mesmo’, anclado numa busca com a fidedigna representação de um passado, traz o imperativo da narrativa como cristalização de um efeito que tende a ver a ‘cultura de onde se veio’ como um produto de aderência essencial para se pensar o próprio passado e dele manter uma prática de reconhecimento².

Não obstante, no ‘calor’ do desenraizamento, os valores culturais são lidos como mais comuns do que identidade em si possibilitaria, impondo uma concepção da cultura como matéria de engessamento que é o núcleo do reconhecimento do ‘estar em si’. Imperceptivelmente, as unificações entre sujeito e lugar são acentuadas nos processos migratórios e, nas duas narrativas imigrantes, disponibilizadas como uma relação menos mensageira e conveniente do que normalmente se observaria. O ‘trauma’ do deslocamento abre espaço para a fértil perspectiva da interdependência sujeito-memória, que ressoa na fabricação transformática do esquecimento inicial da subjetividade como material de ordem que organiza a condição preferente da convicção do pertencimento. O

simulacro da narrativa da memória impõe-se, portanto, como aspecto de concordância com a metáfora da representação, abrindo uma nova teoria da interdependência que faz do sujeito imerso na interrogação da própria escuta um sujeito adesivado à localização de origem.

Em outros termos, as migrações também podem fazer um prolongamento do esquecimento da concursividade sujeito-lugar de origem, espelhando uma ideia de cultura que investe na mensagem hegemônica da ficção do lugar como pré-condição do pertencer. A situação diaspórica obriga facilmente a referência da narrativa simbólica da gestação da memória como local menos perturbador do que se deveria, correlacionando-a, pela própria natureza do distanciamento, a um minimizar da dúvida sobre os processos de conversão subjetividade-localidade.

A falta do reconhecimento da indeterminância entre atmosfera, posição e subjetividade, apoiam a convergência da memória como substância que se abre no princípio de liminaridade prática da situação do estranhamento. Como se refere Bhabha (2002), sem revisão crítica, a memória torna-se um elemento agrupador que desestimula o próprio processo de substituição que lhe é característico. Essa incompletude

² Elimina-se aquilo que Derrida (1987) assinala talvez como o mais importante: a natureza intrinsecamente indeterminada e contingencial dos discursos demarcatórios da singularidade feita sempre as margens da metáfora, em um universo lido como próprio e ubicado na condição essencial do olhar.

fundamental que é o contraste ativo dos elementos mnemônicos, é suplementada na mobilidade e na projeção como um processo transferencial que não observa a consciência crítica que toda temporalidade cultural precisa articular. A exigência simbólica da narrativa imigrante, na interpelação antagônica forçada pela mobilidade, aciona a referência sentimental sem passar pelo “princípio do indeterminismo” (Derrida, 1987) que impõe a questão da naturalidade performativa com que os processos de transcrição da memória são estabelecidos. Sem a circunspeção local, com a abundância contrastiva ao redor, a condição imigrante pode abrir um maior interlúdio narrativo que não requer necessariamente um aprofundamento epistêmico, ou “racionalidade mínima” de Taylor (1985), que normalmente agiria como uma incompatibilidade entre a condição narrativa e a perspectiva cultural.

A própria incomensurabilidade da cultura de pertencimento a que se refere Bhabha (2002) nos processos interculturais, permite uma inscrição biográfica que sugere uma maior possibilidade de arbítrio enunciativo, repelindo a contingência do cultural como efeito mediador localizado em uma situação secundária da narrativa do imigrante. Isto que dizer que a experiência do social na situação

diaspórica, faz com que a individuação biográfica torne a mobilidade um elemento de reforço ou de abertura da lógica da significação³.

A transcendência do espaço-tempo cultural referencial para uma outra cultura, abre, portanto, uma condição de interdependência entre a consciência espacial do limite biográfico e a noção de fronteira estabelecida como vetor de designação identitária. Sem a incômoda sensação de uma cultura desde dentro, a subjetividade pode imantarse para fora como um mecanismo narrativo de produção da própria singularidade perceptiva. A experiência imigrante acentua a historicidade da própria memória e, habitada pela diferenciação cultural, a trajetória subjetiva pode ser lida como um itinerário de acontecimentos perceptivos que estão em poder do viajante como motivo de seu descentramento.

O contraste ‘funda’ a memória biográfica como um contorno de características que se querem estabelecidas pela representação da própria atmosfera da confecção da diferença em um estado que não limita a condição estrutural anterior das diferenciações culturais obtidas como limites da subjetividade. As duas narrativas intensificam “memória”, “identidade”, “localidade”, como pontos de apoio que não necessariamente estão sob o domínio de uma cultura individual de referência,

3 Aquilo que Bhabha menciona ao escrever sobre processos de identidade: que “la individuación del agente tiene lugar en un momento de desplazamiento.” (Bhabha, 2002: 225).

mas que tensionam a ‘consciência narrativa’ para a própria gênese de um ‘cultural’ que torna as identidades menos presas aos volumes de representação. A própria cultura se torna mais híbrida e ao mesmo tempo mais condensada em um aspecto da possibilidade de realização da própria memória, como questão aberta nos interstícios da construção narrativa.

A diferença fundamental se inscreve, portanto, mais nas fissuras articulatórias das mobilidades e dos desprendimentos, que nos limites mesmos das codependências localidades-subjetividades. Na articulação importante de Bhabha (2002), a resignação de um problema que se impõe sempre contrastivamente: a liminaridade cultural como apêndice da liberação do Eu ou os processos migratórios como mudanças apenas representacionais.

Sempre nos interstícios, as migrações são oportunidades relevantes de ‘alistamento’ da própria memória em uma condição de interdependência que pode afirmar, nos amplos territórios vazios abertos pela experiência da mobilidade e do contraste, a pré-condição do enraizamento narrativo. As formas biográficas com que este enraizamento é demonstrado tem a ver com a anonimidade contingencial imposta nas sociedades de hospedagem, sendo a necessidade de uma interpretação da trajetória de vida refeita pela situação longínqua de estranhamento e familiaridade (Geertz, 1989).

As contingências demarcatórias dessa exposição da subjetividade são ressaltadas como argumento de um itinerário biográfico que vincula a anomia da visibilidade em uma nova sociedade que interpela a auto representação sujeito-cultura. O peso relativo da cultura de origem vista desde fora e a questão majoritária da interrogação subjetiva desde dentro, produzem uma interdependência sujeito-representação que se descobre na prática da memória arbitrada como cenário externo.

Nos interstícios da própria subjetividade anônima demarcada inicialmente nos processos imigrantes, a inflexão narrativa da identidade funciona como um “índice da personalidade” (Mack, 2000) que, longe do apoio imediato da localidade, procura reorganizar a interdependência sujeito-cultura na emergência liminal que a dissolução sujeito-lugar, ressalta. E é nesse território de contingências, indeterminações e ambivalências que as duas narrativas imigrantes que analisaremos conseguem se impor.

A interdisciplinaridade como fator de origem: A cidade de Curitiba para uma tunisiana

O universo psíquico dos ‘desgarrados’ precisa ser visto a partir da realização intercultural da noção de

pertencimento estratégico, que serve como uma criação da aderência sujeito-lugar de partida. ‘Pertencer’ a uma retórica do distanciamento inferido pelo outro, o exotismo que mastiga objetos e imprime densas capas de representação sobre sujeitos desviados, é estar diante de uma performance dissolvida pela atuação no infinito condicionante da narrativa que se quer menos híbrida e mais superficialmente textualizada.

A tese aqui exposta é a de que os processos de deslocamento ‘furam’ a metáfora da crítica à união sujeito-comunidade e abrem uma nova condição para a perpétua articulação de retenções sujeito-local de origem, permeando as condições do pertencer como uma possibilidade de realocamento, não “nas margens” (Derrida, 1991) mas ‘no meio’ da própria força expressiva da metáfora da originalidade identificatória.

A cidade de Curitiba, como berço receptor de duas migrações inusuais (Tunísia e Angola), sem profundas ligações migratórias tradicionais com os países de origem, funciona como propulsora da retórica do pré-envolvimento sujeito-sociedade de impulso. O elemento narrativo é entrelaçado com a sujeição do contraste com a particularidade da nova realidade diversa, ajudando a promover um eixo de interpretação que se refugia nas condições circulatórias

da própria história narrada. Ao reinvestir uma voz no entrelaçamento lugar de partida e subjetividade de análise, o sujeito migrante se torna mais livre para a induzir a própria história a uma comunidade de partida que surge sem o revisionismo crítico da consciência citada pelo Outro comum.

Na distância, o alongamento geográfico do estranhamento replica uma ordem menos adversa da intenção da personalidade demarcatória, conduzindo-a para a perda de apoio da demanda para o questionamento de uma historicidade ambivalente. O problema da localização se converte em uma outra e ressurgida possibilidade de aderência, pela abstração, que o argumento posicional-narrativo consegue fazer. Como escreve Bhabha (2002), o Outro perde seu poder de classificar livremente e impor um discurso institucional opositório, ao mesmo tempo em que o sujeito narrativo abre a possibilidade de negar as condições ‘imperfeitas’ da origem e trazer mais emergencialmente um horizonte de definições que estão enunciadas no próprio processo de produção de uma narrativa de conhecimento.

Para a tunisiana Adele⁴, ser anônima em um espaço de acolhimento que não carrega uma produção intensa da metaforização anterior do seu lugar de origem, abre a possibilidade de independizar os signos referenciais do

4 Os dois sujeitos narrativos imigrantes tem aqui seus nomes verdadeiros preservados. Preferimos optar, mesmo que consentida as identidades dos entrevistados, em manter o ocultamento específico das falas dos mesmos.

intercâmbio olhar de fora-descrição de dentro, para a própria fronteira liminal que a especificidade biográfica se encontra. Em uma metáfora particular com quase total liberdade para se criar um campo de aderência sociedade de partida–narrativa de pertencimento, ela pode submeter a cultura de origem ao próprio informe pessoal, diminuindo sensivelmente a fragmentação das histórias, utilizando mais soberanamente as técnicas de discursividade como ponto de apoio a interação cultura-subjetividade.

Como os outros a percebem com grande abertura para que produza por si mesma os enunciados da história da sociedade de partida, ela tem mais espaço para a criação particular ao escrever sobre os limites da realidade pessoal e comunitária. Este aumento da ascendência sobre a historicidade do local de origem, mesmo que não se esteja por isso mais liberto da condição do exotismo do olhar de quem a recebe, transforma-se, como num encontro mítico e colonial (Fabian, 1983) em matéria de julgamento que pretende produzir uma síntese da perspectiva da interculturalidade para a iconização cultural, lida menos na transição intersubjetiva e mais na nostalgia da suposta estabilidade original⁵.

Minha história é a história de uma pessoa em transição. Todos os jovens do meu país estão nessa situação. De busca, de coisas para ver e de lugares para ir. Tem que ser assim, completar nosso conhecimento em outro lugar, olhar outras formas de ver o mundo. Acho que, por isso, estamos bem mais preparados para conhecer vocês do que vocês nos conhecem. Eu vim para cá estudar e conhecer outras culturas e, ao mesmo tempo, explicar a minha. No meu país, a realidade é muito diversa da que vocês conhecem por aqui... Acho que vocês não falam e não sabem o suficiente sobre o lugar onde eu moro. A nossa sociedade é uma sociedade que tem um material humano muito importante. Precisamos ser vistos não pela posição geográfica, não porque estamos na África e porque o mundo pense e age como se tudo que vem dali fosse um material desvalorizado. A nossa cultura é uma cultura que carrega muito de nossas próprias experiências e se nutre delas para seguir existindo. Aqui em Curitiba, descobri que há uma lacuna importante entre essa África tunisiana e nossa verdadeira realidade. A cultura daqui é boa e a adaptação não é difícil. Talvez porque eu seja uma estudante... Encontrei pessoas que foram gentis comigo, é um ambiente universitário e mais relaxado... Mas essa cidade também é estranha, porque expulsa muita gente. E há muito desconhecimento sobre nossa sociedade verdadeira. Não somos, absolutamente, o que vocês pensam. Temos uma cultura de muitos e muitos anos. Na Tunísia, temos uma relação constante com nossos sistemas políticos e agora, nesse período de início da primavera árabe, as pessoas não se preocuparam o bastante, por aqui, em perceber como as coisas aconteceram, foram surgindo e se modificando dentro do nosso mundo... Eu falo quatro línguas,

5 Isso também poderia ser entendido como um processo de justaposição simples ao qual se refere Wagner (1980) nas dinâmicas etnocêntricas visuais entre culturas que não são próximas. O aumento da arbitrariedade política sobre a instabilidade da cultura é manejada para uma situação de ocultamento que preferir não promover a complexidade dualista símbolo-imagem referencial, entronizando por si mesma uma direção unitária da adscrição cultural.

francês, árabe, inglês e agora o português. Não é difícil aprender. O difícil é lidar com o desconhecimento vindo de fora. Minha cultura é rica e não somos o africano que o brasileiro tem como referência. Também não somos libaneses, nem turcos ou sírios. A Tunísia tem uma identidade própria, e muitas pessoas da minha idade saem para fazer cursos e estudar fora. Tenho saudades de lá. Vou ficar mais duas semanas por aqui. Depois do meu retorno, quero voltar a estudar na França... É interessante como as pessoas nos olham. Eu, particularmente, nunca sofri preconceito. Mas poucos entendem o meu país e se preocupam em saber realmente dele. Eu me considero, por isso mesmo, uma mensageira da cultura do meu lugar de origem. Vocês tinham que falar mais de nós e procurar conhecer quem somos. Aqui é bom, não é difícil se relacionar. Fiz algumas amizades durante esse período de estudos... Sempre gostei de viajar. Tenho uma irmã na França e outra na Holanda. O fato de aqui ter muito desconhecimento sobre nós tem seu lado positivo em que eu posso contar livremente a história de meu país junto com a minha. Temos uma cultura de muitas faces, assim como a minha história de vida. Somos, como eu sou, próximos aos nossos pais e familiares. Mas sabemos que temos que partir em algum momento, para então conhecermos muito de nós mesmos...

‘Conhecemos’ a Tunísia que Adele nos apresenta, e os efeitos homogeneizadores dessa articulação entre o material narrativo e a perspectiva biográfica, como uma composição híbrida, performática e individual que ‘disfarça’ a instabilidade da cultura de partida para uma prática da contundência informativa que se institucionaliza como memória tradicional na estrutura do efeito da simbolização. Já sabemos quem ela é por

causa da maneira com que sua sociedade de partida é apresentada. Na narrativa sem fissuras de Adele, o processo de justaposição entre a interpelação discursiva e a emissão da cultura de aderência, deixa-se contaminar pela resignificação tentativa da fala hegemônica que induz a uma perspectiva individual prevalescente e estrategicamente longe da zona de instabilidade da dimensão cultural.

Como, na narrativa de Adele, o desconhecimento da sociedade de acolhimento é grande sobre seu lugar de origem, ela pode diferencialmente mobilizar-se como sujeito participativo que detém solitariamente a capacidade disciplinária de inscrição recursiva. Na longa tessitura de sua própria história, ela tanto aprofunda o material comunitário nas bases de uma memória de inquirição individual, como dissemina o exotismo inerente da prática da temporalidade narrativa utilizando-o como apoio original da metáfora que preenche o vazio visto de fora. A narrativa anônima de hospedagem de Adele cumpre um papel social de alimentar a justificação entre território e lugar de origem, confundindo a produção do conhecimento específico sobre a individualidade com o entorno da mediação discursiva.

Este tempo narrativo circunspectante, ‘adensa’ a capacidade de penetração no jogo de memória com a articulação da própria imagem, no caso de Adele,

servindo para determinar a posição ambivalente com uma identidade de partida que não precisou receber a tergiversação do movimento inclusório do material de hospedagem. Sem a necessidade de expurgar-se da condição do exotismo, sendo branca e fisionomicamente distante das características aplicativas do imaginário clássico para um país africano, ela se serve empiricamente da própria presença como a demonstração fenomenológica da idencidibilidade (Derrida, 2002).

Entre uma zona de total ascendência sobre as características da cultura de pertencimento, Adele tem liberdade para promover um estado de personalização do deslocamento da memória, 'atando-a' a uma forma em réplica da autorepresentação que é cúmplice com a emergência da restauração deslocada da linguagem inscrita de seu lar cultural. O desafio narrativo de Adele está em fazer-se emergir, ao mesmo tempo, fora do conteúdo colonialista da condição de africana sem que este seja visto pela fantasia do interrogante associativo com as bases mais mortíferas da farsa ocidental de desnudamento exotista⁶.

A hemorragia de seu discurso para a explicação de uma 'outra África' de miscigenação biográfica, sem a presença negra do corpo como marcador da imagem

da metaforização ocidental, reflete a natureza sempre incompleta da subjetividade, da mesma maneira que a cultura, em reconhecer-se como material menos autorizado para caracterizar-se sobre si mesmo. Como sujeito migratório em constante deslocamento e duplicação da própria origem, o fato dela vestir as fronteiras da autorepresentação como um elemento de coesão cultural, demonstra que a duração de seu sentido biográfico está amarrado ao tempo narrativo da sociedade de recepção. O instinto social de transferir-se constantemente como locutor da própria sociedade, nas dimensões das palavras de Adele, confere um estatus de investimento da narrativa no vazio de hospedagem, estado de absorvência perfeita para que ela possa desidentificar a ambivalência africanidade-exotismo.

Aplicando a natureza da negociação entre contraste e envolvimento na nova dimensão urbana do acolhimento, ela consegue uma coexistência de acionamentos entre sujeito-cultura sem dar tanto lugar a perversão anônima da imagem colonial. A maior incerteza exógena desse processo, é habitada pela familiaridade com os registros de partida que se tornam contemplações ao extremo do conhecimento de seu lar cultural como supermercado de culturas (Mathews, 2002). No efeito narrativo biográfico,

6 Uma leitura crítica do livro de Segalen (1978) completada pela leitura crítica de León (2011), devolve a esperança de observar como atuam as estruturas das mutilações realizadas pelo ocidentalismo quando insistem na forma psíquica sexualizante (Bhabha, 2002) pré-determinada para as consciências africanas.

Adele mobiliza criticamente a linguagem metafórica do exotismo colonialista para utilizar como referência desconstrutiva o artifício da identidade arbitrária. Tal como observa Geertz (1989) para a relação da cultura como “ingrediente essencial” na formação da ‘natureza’ humana, também a subjetividade narrativa, nesse caso, consegue agir primordialmente sobre as metáforas exotocistas que a incubam a ordem do imaginário tentando determiná-lo como hegemonia referente.

A ação biográfica é mais sólida que o vazio do delírio colonial, conseguindo minimizar o impacto colonialista transformando a própria ideia da relação com a imagem da sociedade de projeção. Adele consegue com isso nos sensibilizar para a alienação sintomática em que estamos apoliticamente imersos na cidade de recepção, movendo-nos mais para dentro de sua própria história como lugar que a cultura está imediatamente inscrita. O risco, o peso, a transferência desse processo é que a gestação da indiferença vai para o outro lado onde o desejo do sujeito não criticamente se deteve, produzindo uma distorção da identidade migratória com o olhar da sociedade de hospedagem.

À distancia, esse delicado inconformismo de Adele com o vazio significativo de seu lugar de origem, esquece que ela mesma, como sujeito migratório de escolhas, imediatamente ‘fora’ das clivagens ocidentais sobre a disseminação colonialista, também procura

as bases de um registro ‘estável’ para a intersecção da própria escuta como totalização identitária da experiência representacional.

Deixa-se de olhar que há um sujeito que mastiga simbolicamente as margens de sua própria autoreferência, que dispõe a cultura como material ambivalente revestida pela subjetividade constante. Há um pacto de metáforas entre o que é alimentado pela ‘fachada da identidade’ de origem, e o cotidiano do estranhamento como apêndice da manifestação intersubjetiva da experiência da transição, que ela esquece de contrastar com a consciência situacional, imposta pela duração, talvez frágil e imperceptível, do tempo necessário de manutenção da narrativa.

A retenção da identidade na simbologia metafórica colonialista: Curitiba para um angolano

Este singularismo articulador do impacto entre a dimensão da ‘escrita’ da identidade e o espaço de possibilidade de transição entre representações, para outro sujeito migratório na cidade de Curitiba, revela-se em situação oposta a facilidade desidentificatória encontrada pela tunisiana Adele. A ‘sombra’ colonialista conjugada como elemento de partida na articulação da negociação da experiência narrativa, atua como situação

receptória maior em que o angolano Emanuel pouco tem preservada sua condição de articulador da própria memória. A profecia metafórica da identidade colonialista, na representação do pertencimento, consegue mobilizar o terror da marginalidade diferencial da cultura de partida vista pela coletivização vista de fora.

Emanuel alardeia a todo momento sobre a falta de profundidade do imaginário imposto, perigosamente revelado na condição ininterrupta do olhar exotista, diagnóstico de uma sensação espectral da realidade fantástica que alimenta, ainda que associativamente, a função simbólica da incapacidade de ir além da ‘escritura’ da caracterização colonial.

Sendo negro e muito alto (Emanuel, tem quase dois metros de altura), essa metáfora da sensação do não pertencimento característico nos discursos de posicionamento de Adele, surge diversamente em Emanuel na dificuldade deste em poder revelar-se além da estrangeirização de sua identidade de hospedagem. O material referencial encontrado por Emanuel, para a aproximação dialética sujeito-cultura de recepção, é justamente o acessório básico da vitimização colonial que produz um antagonismo específico com a cultura de identitária.

Sua possibilidade desidentificatória, nesse sentido, é muito mais difícil porque Emanuel, precisa ‘escorregar’ para longe da uma ausência dos vazios circundantes

representacionais (Bhabha, 2002), que já estavam prontos como objeto do desejo oculto do exotismo ocidental. A angústia psíquica por não poder sair do corpo negro duplicado como imagem da ‘África Fantasma’ de Leiris (1950) introduz uma condição migratória que passa como hostis a manutenção do espelhamento real do corpo. A mensagem narrativa de Emanuel, está contida na necessidade de substituir a fronteira da alteridade exotista pela fixação afetiva de uma diferença cultural.

Minha história é a história de uma pessoa que os olhos dos outros se voltam para mim e encontram em meu corpo toda uma história que pensam conhecer conforme foi ensinada para eles na escola. Aqui em Curitiba eu vim parar como estudante universitário. Tenho uma boa condição em Luanda. Meu pai é engenheiro e tem bastante facilidade econômica. Muitos jovens assim saem do meu país dessa forma, para fazer intercâmbio, para continuar estudando. Mesmo com uma boa condição, mesmo com vantagens econômicas, não consegui me integrar. Sofri bastante preconceito por aqui. Tive que buscar uma comunidade de angolanos, e ficamos muito entre nós mesmos, com nossas festas, com nossa música. Não sabia que seria assim, que teria dificuldades em me integrar. Muita gente me olha e quando digo que sou de Angola pensam que venho de um África de imagens palpérrimas. Parece que aqui eu não consigo apagar o meu corpo, e esse corpo tem uma história que é feita de preconceito e de ideias falsas. Não sou um africano analfabeto, mas mesmo no meio universitário daqui não consigo apagar essa identidade africana que é vista de fora. Eu já vivi em outros países, tenho irmãos na Inglaterra e falo muito bem inglês.

Estou aqui legalmente e por um programa institucional. A África que nos olham é uma África apenas de colonialismo. Por que as pessoas desconhecem tanto isso? Eu acho que há sim bastante preconceito com as pessoas de Angola, pelo menos aquelas que são negras. As pessoas me olham na rua, e na faculdade poucos sabem o meu nome. Tudo gira em torno do meu corpo e isso é bastante triste. Vim aqui para estudar e conhecer o Brasil. Acho a cidade curiosa. Tem bastante diversidade, assim como em Luanda. Mas é difícil explicar que lá a diversidade é menos na pele e mais nos rostos... Mesmo que algumas coisas não tenham sido boas por aqui, eu quero poder voltar um dia. Mas vou continuar meus estudos na Inglaterra. Acho que poderia ter problemas em achar emprego por aqui. como vou apagar o meu corpo?...

Nesse aspecto, objetivamente, Emanuel tem dificuldade em produzir um discurso biográfico que não seja uma tentativa de fragmentação do corpo em que está sendo visto. A mediação ‘negra’ do corpo de Emanuel, introduz constantemente a necessidade primordial em afastar o contínuo repertório de ideologias de fixação que mimeticamente já estão no olhar da sociedade de hospedagem.

Todo este material convertido como história linear da aderência do exotismo ao sujeito migratório, torna a fuga da metáfora mais difícil porque ele precisa buscar outros espaços mediativos que não passem pela africanização na cultura de recepção. Para agravar a

natureza do pertencimento imposto, Emanuel tem que entretecer sua resistência biográfica na forma distante do primeiro emissor, a pele inicial do duplo jogo com o africanismo e a ‘comunidade’ recente de angolanos na cidade de Curitiba.

O ato do deslocamento produzido pela abertura da representação individual, nesse caso, sofre a ação da coexistência simbólica de um efeito de realidade (Barthes, 1972) que pouco supera a condição prévia da dimensão referencial. A cultura de absorvência transforma o próprio sujeito e, alimentada pela pele do imigrante, particulariza ainda mais a diferenciação que devora o sujeito biográfico e o insere na experiência da continuidade de um duplo registro (vítima, colonialismo).

Nesse jogo de influências de um imaginário anterior, a dificuldade em ‘esvaziar conteúdos’ exotistas da cultura de recepção é uma dificuldade da biografia como repertório que, sobre si mesmo, o corpo intensifica na experiência contrastiva. Para Emanuel, sua primeira prioridade ao falar da condição migratória, é a identidade como imagem que tem lugar no registro primário em que é facilmente absorvido.

Como problematiza Innerarity (2004) em um ensaio sobre a ‘esvanecência’ das sociedades contemporâneas, o sujeito biográfico Emanuel, encontra sua identidade negada pela petrificação do corpo, em um conjunto

resistente de plenitudes metafóricas que bebem sua fonte no tradicional contraste com o próprio posicionamento histórico. A própria lógica do desprendimento da autonomia da realização da narrativa, ao borde do sentido e da transparência da ‘visibilidade’ corpórea, está instituída pela pouca mobilidade da metáfora da característica receptória. A força matriz da representação, tomada do interior histórico da fantasia colonialista, pode, nesse sentido, servir como um prolongamento assumido da negação do vazio que não deixa, ou deixa pouco, espaço para que a autoconsciência consiga produzir mais perdas necessárias no material exótico.

Este lado menos universal da singularidade, negado para Emanuel, produz uma indiferença situacional que de certa maneira é muito similar a ‘efemeridade’ visual que Adele é imediatamente anteposta. Tanto Emanuel como Adele, por sentidos assignatários diferentes, são colocados em uma específica marginalidade receptória que dispõe suas trajetórias como menos particulares do que poderiam narrativamente ser. A outra lógica desse espaço de anulações, é o desejo constante, por parte das sociedades de hospedagem, em classificar, geralmente negativamente, os sujeitos migratórios a partir de imaginários de diferenciação incomensuráveis (Detienne, 2005). O jogo de signos da ambivalência inscrita, é ativada com contundência quando o corpo,

no caso de Emanuel, é o portador mais profundo do antagonismo da mitificação. A abundância do discurso designatário pulsa uma metáfora da diferenciação que impõe a constância da concorrência com a escritura exotista. Como sujeito biográfico, Emanuel não tem como ‘sair’ do corpo, assim como Adele tem dificuldade em entrar nele.

Nos dois casos, a anonimidade segue sendo a fronteira mais familiar que entretece a produção da condição de pertencimento. Na urbaneidade dicotômica, tanto Emanuel como Adele sentem o peso do “esquema psíquico do Ocidente” (Bhabha, 2002) que, ao examinar apenas o ponto de chegada como repertório da caracterização da alteridade, limita ou deixa mínimo espaço para a disseminação da ambivalência discursiva. O lado mais anterior da noção da alteridade biográfica, que seria complementado pela voz imigrante, é anulado pelo material da metáfora da sociedade receptora. A identificação com a África tunisiana, em Adele, mostra a dificuldade por parte dela em poder entrar na cultura de referência, querendo estrategicamente aumentar sua possibilidade desde a chegada. Para Emanuel, a dificuldade está em poder transpor a ‘solidez de emergência’ do profundo discurso colonial que é acionado quando seu corpo serve como forma de identificação máxima da “bestialidade” africana (Hurbon, 1993).

A cultura de referência na hospedagem, para os dois casos, sempre está no lugar de produzir um material metafórico que sem deixa pouco espaço para o olhar das transgressões “nas margens” (Derrida, 1991) que possibilitam o valor da ‘impureza’ na voz imigrante. Para o lado dos sujeitos, os dois discursos são duplos no sentido de desidentificação pelo corpo (Emanuel) e posicionamento pela fala (Adele), mas são vulgarizados pelos elementos moralistas do estereótipo da sociedade de recepção. A ‘fuga’ do símbolo nunca consegue ser completa, e a narrativa imigrante é ela mesma uma possibilidade constante da intensificação identitária com a cultura de partida, vista mais ‘de longe’, e situada a partir do contraste com a estrutura hegemônica do receptor.

A experiência da cidade estranha (Clifford, 2001) no olhar do estrangeiro, descobre uma anonimidade que engendra uma cultura do pessimismo imposto da representação, desviando ‘para fora’ a possibilidade autobiográfica e limitando o sujeito a esvanecência discursiva. Fora do contexto, a resposta dos dois sujeitos imigrantes é marginalizar ainda mais a ‘extemporaneidade’ de suas condições metafóricas, realisticamente agredindo a própria biografia (Adele) para conseguir afirmar uma subjetividade-nacional e tentativamente expurgando uma racialização profunda (Emanuel) que lhe é imposta.

A introspecção narrativa imprime a perda do estranhamento no primeiro momento da estrangeiridade, e o que se habitava como questão de encontro, se torna resíduo, consternação transformática da necessidade de revelar um contra discurso que sobressaia o pessimismo receptivo, mesmo que no corpo (Emanuel) ou na metáfora (Adele). Como escreve Hurbon (1993) a ‘bárbarie’ está no bárbaro que olha anteriormente o relato endógeno como irrupção da voz do encontro. A subjetividade narrativa do imigrante, nesses dois casos, exemplificam o excesso de pessoalização cultural que a cidade de hospedagem demanda.

O desgarramento é justamente a possibilidade de desrespeitar a seletividade estereotipada da sociedade de envolvimento, sobressaindo, pela busca constante da designação biográfica, como justificador da luta contra a perversidade e da regularidade representacional.

Para o Outro, para Adele e Emanuel, a cidade estrangeira, estranha e possível, torna-se lugar de redirecionamento identitário, introspecção narrativa, singularização do espaço, de todos os espaços, a partir do sólido muro de resistência das mitologias etnocêntricas da recepção.

Os dois focos dessa demanda estão na necessidade de sobrepor a evanescência de seus repertórios biográficos, diluídos na cidade desconhecida e rapidamente, sobre eles, classificatória. As duas margens

desses prolongamentos de ‘mal entendidos’, acabam sendo a exigência de uma substitubilidade narrativa, a introdução do discurso imigrante, como o critério maior para a afirmação da singularidade e também as fissuras do mito.

Para Abele e Emanuel, dois africanos de duas Áfricas diferencialmente negadas, a cidade envolvente captura uma essência do distanciamento que é sua própria condição anônimo: o ‘outro’ africano como estranho e como mitologia sem fissura.

A anonimidade receptora de Adele e a canibalização do corpo em Emanuel, desarticula a crítica necessária à própria latência do símbolo que mantém desproporcionalmente a estrutura do reconhecimento dos sujeitos migratórios. Sem deixar nenhum espaço a subjetividade utilizando a metáfora e o estereótipo como bússulas para a composição da referência externa, a cidade de recepção surge, para Adele e Emanuel, como o ‘Eu’ sozinho que precisa introspectivamente repensar a própria condição, para participar representacionalmente na caracterização da vida. A trajetória imigrante em deslocamento faz os efeitos narrativos dos sujeitos imigrantes, portanto, mais necessários para se eliminar as situações sinedóquicas (Feres, 2005) predispostas na sociedade de absorvência.

A cidade estranha, ‘encobre’ a palavra e o corpo imigrante com envoltórios pré-determinados que tem a função de estancar o sangramento que o sujeito pode desenvolver com seu discurso de vida. A indiferenciação da mitologia é o elemento mais duradouro da falta de abertura geralmente encontrada na sociedade de recepção. Como aponta Taussig (1993), raramente o otimismo é o material de ordem para a construção da alteridade e, nos países e sociedades do esquecimento como as africanas, a identificação sinedóquica que anula o sujeito abre uma intencionalidade que é escrita como descoberta da produção metafórica.

Nas fronteiras da significação, o distanciamento é mantido pelo reforço da corporeidade e do discurso identitário. As consciências imigrantes combatem a impenetrabilidade da noção investida das representações. Mas a anônima aderência do deslocamento impõe uma primeira necessidade de desobstruir, contrastivamente, a falta de profundidade da mitologia referencialista. A eficácia dessa metáfora está em conseguir escravizar o sujeito migratório em uma luta contra a visibilidade da cultura vista de fora, pelo olhar, pulsional, que ‘guia’ a determinação em uma escuta diferente, pouco arriscada e pouco aberta e também pouco interessada pelo Outro.

Referência

- BARTHES, R. *Critical Essays*. Northwestern University Press, 1972.
- BHABHA, H. *El Lugar de la Cultura*. Buenos Aires: Manantial, 2002.
- CLIFFORD, J. *Dilemas de la Cultura: Antropología, Literatura y Arte en la Perspectiva Posmoderna*. Barcelona: Gedisa, 2001.
- CLIFFORD, J. e MARCUS, G. *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986.
- DERRIDA, Jacques. *As Margens*. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. *Posições*. São Paulo: Autentica, 2001.
- _____. *Psyché, Invention de l'autre*. Paris: Galiléé, 1987.
- DETIENNE, Marcel. *Cómo ser Autóctono: Del Puro Ateniense al Francés de Raigambre*. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.
- FABIAN, J. *Time and the Other: How Anthropology Makes Its Objects*. Nova Yorke: Columbia University Press, 1983.
- FERES, João. *A História do Conceito de "Latin America" nos Estados Unidos*. Bauru: Edusc, 2005.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. RJ: Dp&a Editora, 2005.
- HURBON, Laënnec. *El Bárbaro Imaginario*. Mexico: Fondo de Cultura Económico, 1993.
- INNERARITY, D. *La Sociedad Invisible*. Madrid: Espasa, 2004.
- LEIRIS, M. "L'ethnologue devant le colonialisme", In: *Les Temps Modernes* 58. *Brisées*. Paris: Mercure de France, 1950.
- LEON, E. *El Monstruo em el Otro: Sensibilidad y Coexistencia Humana*. Madrid: Sequitur, 2011.
- MACK, John. *Masks: The Art of Expression*. London: The British Museum, 2000.
- MATHEWS, G. *Cultura Global e Identidade Individual*. Bauru: Edusc, 2002.
- ROCCO, R. e SELGAS, F., *Transnationalism: Issues and Perspectives*. Madrid: Editorial Complutense, 2005.
- SEGALIN, V. *Essai sur L' exotisme*. Montpellier: Fata Morgana, 1978.
- SCHAMA, S. *Paisagem e Memória*. SP: Cia das Letras, 1996.
- TAUSSIG, M. *Mimesis and Alterity: A Particular History of the Senses*. Routledge, 1993.
- TAYLOR, C. *Philosophy and the Human Sciences*. Cambridge University Press, 1985.
- WAGNER, R. *The Invention of Culture*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.